

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO
PÚBLICA**

**O CONCEITO DE SUSTENTABILIDADE NA
PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES, PROFESSORES E
TÉCNICOS-ADMINISTRATIVOS DO CURSO DE
PSICOLOGIA DA UFSM**

ARTIGO DE ESPECIALIZAÇÃO

MARIA MEDIANEIRA MACHADO VISENTINI

**Santa Maria, RS, Brasil
2007**

**O CONCEITO DE SUSTENTABILIDADE NA
PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES, PROFESSORES E
TÉCNICOS-ADMINISTRATIVOS DO CURSO DE
PSICOLOGIA DA UFSM**

Por

Maria Medianeira Machado Visentini

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Administração e
Gestão Pública, da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito
parcial para obtenção do grau de
ESPECIALISTA EM ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO PÚBLICA

Orientadora: Prof^a. Ms. Lúcia Rejane da Rosa Gama Madruga

**Santa Maria, RS, Brasil
2007**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Curso de Especialização em Administração e Gestão Pública**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova o Artigo de Especialização

**O CONCEITO DE SUSTENTABILIDADE NA
PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES, PROFESSORES E
TÉCNICOS-ADMINISTRATIVOS DO CURSO DE
PSICOLOGIA DA UFSM**

elaborado por
Maria Medianeira Machado Visentini

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Administração e Gestão Pública

Comissão Examinadora

Lúcia Rejane da Rosa Gama Madruga, Ms.
(Presidente/Orientadora)

Clândia Maffini Gomes, Dra.
(1º Membro)

Vânia de Fátima Estivaleta, Dra.
(2º Membro)

Santa Maria, junho de 2007.

RESUMO

Este trabalho tem como foco a questão da sustentabilidade e a necessidade de que este conceito perpassasse as atividades das organizações em busca da preservação ambiental e da melhoria da qualidade de vida para as atuais e futuras gerações. Dentro desta problemática, a pesquisa visa identificar como a dimensão social, ambiental e econômica da sustentabilidade é percebida pelos professores, técnico-administrativos e acadêmicos do Curso de Psicologia da UFSM. O estudo é de natureza exploratória e os dados foram submetidos à análise quantitativa. Como resultado, pôde-se perceber que os participantes da pesquisa demonstram ter uma certa consciência em relação à preservação dos recursos ambientais; entretanto, carecem de práticas ou políticas institucionais que promovam a discussão e a reflexão de alternativas quanto aos cuidados ambientais. A questão da sustentabilidade é uma preocupação que precisa ser incorporada em todos os segmentos da sociedade, em especial em instituições que tratam com processos de formação, as quais precisam orientar-se pela formação de cidadãos conscientes de suas responsabilidades socioambientais, além da formação meramente tecnológica.

Palavras-chave: sustentabilidade, gestão ambiental, educação e gestão de pessoas.

1 INTRODUÇÃO

Dois grandes temas se destacaram na última década do século XX: a globalização dos mercados, que levou a concorrência organizacional a uma dimensão mundial, e o aumento da preocupação ambiental, traduzida pelo desejo de harmonizar a aparente contradição entre o desenvolvimento e a preservação do meio ambiente. Esses temas geram duas preocupações organizacionais a serem resolvidas no presente: ser competitivo em nível mundial, tendo para isso que oferecer produtos de qualidade ao menor custo e preservar o ambiente, numa visão de desenvolvimento sustentável, investindo em tecnologia, o que eleva custos e pode influenciar na competitividade organizacional. Assim, o grande desafio é encontrar um caminho que facilite o andar das organizações nesses dois sentidos (SENGE, 1992).

As alterações que os seres humanos causam na biosfera aceleram e se acentuam no ímpeto que têm de acumular bens materiais numa era impregnada de idéias e valores mercantilistas.

Até meados do século passado, as organizações somente cumpriam com suas obrigações básicas: fabricar bons e confiáveis produtos a preços justos, pagar

salários compatíveis para os funcionários e cumprir com suas obrigações fiscais. A busca constante por mudanças e pela melhoria do bem estar da população mundial tem feito com que as organizações e corporações cumpram com suas obrigações legais, colaborando para uma vida melhor de toda a sociedade.

As diretrizes econômicas, entretanto, ainda estão orientadas para o crescimento e a globalização da economia com a idéia do aumento contínuo do consumo, onde o dinheiro deve circular mais e tudo o que se produz ser consumido rapidamente, acarretando desperdício de energia e de matérias primas. Ao mesmo tempo em que prejudica a situação do planeta, esta orientação meramente econômica promove o despertar quanto ao futuro da humanidade e uma série de pesquisas e documentos foi redigida evidenciando que as atividades do homem estão prejudicando a biosfera e a sua própria vida, de tal forma que em pouco tempo esses danos poderão ser irreversíveis (LERÍPIO, 2001).

Procurando se inserir neste novo contexto, as organizações passaram a investir em qualidade, evoluindo para uma abordagem gerencial orientada pelo tratamento abrangente das relações entre a atividade organizacional, os empregados, os fornecedores, os consumidores, a sociedade e o meio ambiente. Diante disso, as organizações, em geral, exercem um papel fundamental na garantia de preservação do meio ambiente e na definição da qualidade de vida das comunidades de seus funcionários de modo que a responsabilidade socioambiental deixou de ser uma opção para as organizações. É uma questão de visão, estratégia e, muitas vezes, de sobrevivência.

A gestão socialmente responsável com o passar dos anos deverá se tornar algo imprescindível, um fator determinante de sucesso ou de insucesso, pois assim como a sociedade está ampliando os seus níveis de conscientização, os clientes estão se tornando cada vez mais exigentes e, com isso, determinantes do comportamento e da conduta das organizações.

Percebe-se, portanto, que as ações organizacionais devem ser respaldadas por essa concepção de sustentabilidade, que tem sua origem no conceito de desenvolvimento sustentável, o qual prevê o uso dos recursos naturais no tempo presente sem comprometer a capacidade de sobrevivência no futuro. Para isso há a necessidade de buscar ações para alcançar patamares de mudanças de hábitos, de posturas e de condutas da sociedade, de tal forma que se possa proteger a

integridade ecológica do planeta e, simultaneamente, melhorar a qualidade de vida dos seres que nele habitam.

Inserido neste contexto, este artigo se propõe a responder a seguinte pergunta de pesquisa: *como o conceito de sustentabilidade é percebido pelos técnicos administrativos, docentes e discentes do curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria?* Uma decorrência deste estudo seria tornar a comunidade universitária mais comprometida e responsável com o meio ambiente, contribuindo para o desenvolvimento de sua consciência ambiental.

A estrutura deste artigo contempla cinco seções, além da introdução. A segunda seção trata do conceito de desenvolvimento sustentável e de sustentabilidade nas organizações. A terceira se refere à metodologia utilizada. A quarta apresenta os resultados da pesquisa e a quinta trata das considerações finais.

2 DO CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL AO CONCEITO DE SUSTENTABILIDADE NAS ORGANIZAÇÕES

O homem nem sempre se preocupou com questões que estivessem ligadas à natureza. Na Idade Média o rompimento com o mito o libertou da submissão à divindade. Ao tornar-se “deus” de todas as coisas o homem perde a capacidade de sonhar, de sentir, de observar. E, aos poucos este poder o transforma num ser insensível e destruidor, incapaz de se inserir no contexto ambiental, vendo-o apenas como meio passível de exploração e transformação. A natureza, que no início era vista como “fonte de vida”, transformou-se em “fonte de lucro”, com o único objetivo de acumular riquezas (BRITO, 2002).

Com base nas discussões e debates realizados na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD) foram delineadas medidas preventivas para que a humanidade aumente sua capacidade de intervir na natureza para satisfação de necessidades e de desejos crescentes, pois surgiram tensões e conflitos quanto ao uso do espaço e dos recursos naturais.

A exploração ambiental passou a ser feita de forma intensa. De onde se retirava uma árvore, agora se retiram florestas. Onde moravam algumas famílias, consumindo alguma água e produzindo poucos detritos, agora moram milhões de

famílias, exigindo imensos mananciais e gerando milhares de toneladas de lixo por dia. Essas diferenças são determinantes para a degradação do meio onde se insere o homem. Sistemas inteiros de vida vegetal e animal são retirados de seu equilíbrio. E a riqueza, gerada num modelo econômico que propicia a concentração de renda, não impede o crescimento da miséria e da fome (ESCOLA VIVA, 1998).

À medida que o modelo de desenvolvimento capitalista provocou efeitos negativos mais graves, surgiram manifestações e movimentos que refletiam a consciência de parcelas da população sobre o perigo que a humanidade corre ao afetar de forma tão violenta o seu meio ambiente.

Nas nações mais industrializadas constata-se uma diminuição na qualidade de vida afetando a saúde dos habitantes das grandes cidades. Por outro lado, os estudos ecológicos tornam evidente que a destruição de um único elemento num ecossistema pode ser nociva para o sistema como um todo (ESCOLA VIVA, 1998).

Este mesmo texto faz referência que após a Segunda Guerra Mundial passou-se a perceber que a humanidade caminha de forma acelerada para o esgotamento de recursos indispensáveis à sua própria sobrevivência. E, assim sendo, que algo deveria ser feito para reverter tal situação. Esse tipo de constatação gerou o movimento de defesa do meio ambiente que luta para diminuir o ritmo de destruição dos recursos naturais ainda preservados, e que busca alternativas à conservação da natureza e à qualidade de vida das populações que dependem dela.

A superficialidade estabelecida nas relações entre os homens e a natureza gerou a crise do paradigma tradicional na atualidade por ser este baseado em um modelo meramente capitalista que visa somente ao lucro. Este modelo, da maneira como foi idealizado, não é sustentável ao longo do tempo. Isso induziu a busca de um novo paradigma que permitisse ao homem encontrar o norteamento no sentido da reflexão sobre o que se quer fazer com o espaço da humanidade (ALMEIDA, 2002).

O novo paradigma, que procura se colocar entre o capitalismo e a dimensão sustentável, segundo Almeida (2002), traz a idéia de interação e de integração propondo uma nova maneira de olhar e transformar o mundo, baseada no diálogo entre saberes e conhecimentos diversos. No mundo sustentável, uma atividade não ocorre em separado porque tudo está inter-relacionado. No quadro 01 podem ser observadas as diferenças entre o paradigma cartesiano e o sustentável.

CARTESIANO	SUSTENTÁVEL
Reduccionista, mecanicista, tecnocêntrico	Orgânico, holístico, participativo.
Fatos e valores não relacionados.	Fatos e valores fortemente relacionados.
Preceitos éticos desconectados das práticas cotidianas.	Ética integrada ao cotidiano.
Separação entre o objetivo e o subjetivo.	Interação entre o objetivo e subjetivo.
Seres humanos e ecossistemas separados, em uma relação de dominação.	Seres humanos inseparáveis dos ecossistemas, em uma relação sinergia.
Conhecimento compartimentado e empírico.	Conhecimento indivisível, empírico e intuitivo.
Relação linear de causa e efeito.	Relação não-linear de causa e efeito.
Natureza entendida como descontínua, e o todo formado pela soma das partes.	Natureza entendida como um conjunto de sistemas inter-relacionados, o todo maior que a soma das partes.
Bem-estar avaliado por relação de poder (dinheiro, influência e recursos).	Bem-estar avaliado pela qualidade das inter-relações entre os sistemas ambientais e sociais.
Ênfase na quantidade (rende per capita).	Ênfase na qualidade (qualidade de vida).
Análise.	Síntese.
Centralização de poder.	Descentralização de poder.
Especialização.	Transdisciplinaridade.
Ênfase na competição.	Ênfase na cooperação.
Pouco ou nenhum limite tecnológico.	Limite tecnológico definido pela sustentabilidade.

Quadro 01 - Paradigma cartesiano versus paradigma da sustentabilidade.

Fonte: Almeida (2002)

O conceito de desenvolvimento sustentável, discutido na próxima seção, evidencia esta inter-relação e a necessidade de antecipar o futuro em qualquer ação sobre a natureza no presente.

2.1 O conceito de Desenvolvimento Sustentável

O mundo passa por momento que é fruto do desequilíbrio ambiental causado pela própria ação do homem em busca de suas conquistas civilizatórias no planeta Terra, quando os recursos naturais foram vistos como utilidade de momento.

Capra (2002) afirma que a interferência do homem está esgotando os recursos naturais e reduzindo a biodiversidade do planeta, rompendo a própria teia da vida da qual depende o seu bem estar; prejudicando, entre outras coisas, os preciosos “serviços ecossistêmicos” que a natureza oferece de graça como o processamento de resíduos, a regulação do clima, a regeneração da atmosfera, etc. Esses processos essenciais são propriedades emergentes de sistemas vivos não lineares que só agora se começa a compreender, e agora mesmo estão sendo postos em risco pela busca linear de crescimento econômico e consumo material.

A ciência do século XX, em algumas situações, contemplou o desenvolvimento da perspectiva holística, mais conhecida como pensamento sistêmico ou ecológico, em detrimento do pensamento puramente cartesiano ou mecanicista. Neste novo conceito, passa-se da ênfase nas partes para uma visão global e sistêmica. A ciência cartesiana acreditava que o comportamento do todo podia ser analisado a partir de suas partes, já a ciência sistêmica entende que os sistemas vivos são relações interconexas, que só podem ser entendidas dentro do contexto do todo maior (CAPRA, 1997).

O desenvolvimento da humanidade, inserido nesta nova perspectiva, acrescenta um enfoque qualitativo. Surge, com isto, o termo eco-desenvolvimento que obedece a três preceitos fundamentais: a igualdade social, a prudência ecológica e a eficácia econômica (SACHS, 1992). Um estilo de desenvolvimento baseado nesta nova perspectiva, conforme Sachs (1992), sugere que cada eco-região insiste nas soluções específicas de seus problemas particulares levando em conta os dados ecológicos da mesma forma que os culturais, as necessidades imediatas como também aquelas em longo prazo.

Todo este movimento está alicerçado no conceito de Desenvolvimento Sustentável, o qual é visto como o desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as futuras gerações satisfazerem suas próprias necessidades. Ou seja: utilizar recursos naturais sem comprometer sua produção, fazer proveito da natureza sem devastá-la e buscar melhoria da qualidade de vida, Também se preocupa com os problemas em longo prazo, enquanto o atual modelo de desenvolvimento fundado em uma lógica puramente econômica se concentra no "aqui e agora". (COMISSÃO BRUNDTLAND, 1991).

Dentro desta nova perspectiva, sugerida pelo conceito de Desenvolvimento Sustentável, a percepção do mundo em relação aos problemas ambientais sofreu

uma mudança significativa. O relatório Nosso Futuro Comum mostra que o desenvolvimento sustentável deve estar intrinsecamente ligado aos problemas de extinção da pobreza, da satisfação às necessidades básicas de alimentação, da saúde, da habitação, da obtenção de fontes renováveis de energia, da inovação tecnológica, e da atividade industrial (COMISSÃO BRUNDTLAND, 1991).

Nas propostas apresentadas pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), o termo “desenvolvimento sustentável” é empregado com o sentido de “melhorar a qualidade de vida humana dentro dos limites da capacidade de suporte dos ecossistemas”. Isso implica, entre outros requisitos, o uso sustentável dos recursos renováveis; ou seja, de forma qualitativamente adequada e em quantidades compatíveis com sua capacidade de renovação. Uma sociedade sustentável, segundo o mesmo Programa, é aquela que vive em harmonia com nove princípios interligados apresentados a seguir:

- Respeitar e cuidar da comunidade dos seres vivos;
- Melhorar a qualidade de vida humana;
- Conservar a vitalidade e a diversidade do Planeta;
- Minimizar o esgotamento de recursos não-renováveis;
- Permanecer nos limites da capacidade de suporte do Planeta;
- Modificar atitudes e práticas pessoais;
- Permitir que as comunidades cuidem de seu próprio ambiente;
- Gerar uma estrutura nacional para a integração de desenvolvimento e conservação;
- Constituir uma aliança global (ESCOLA VIVA, 1998).

Segundo Moura (2002), a década de 1990 promoveu um grande impulso com relação à consciência ambiental de modo que a maioria dos países aceitou pagar um preço pela qualidade de vida, mantendo-se limpo o ambiente.

O conceito de desenvolvimento sustentável, por ser multidimensional, provocou alterações em diversos campos de pesquisa e de ação das pessoas e das organizações. A escolha entre uma ação e outra, por uma sociedade não sustentável ou por uma sociedade sustentável, será a medida da responsabilidade dos indivíduos como seres morais e depende de suas concepções.

Diante desta nova perspectiva, nas organizações passou-se a discutir um movimento em busca de um novo paradigma de gestão, o qual está alicerçado no conceito de sustentabilidade, discutido na próxima seção.

2.2 O conceito de Sustentabilidade nas Organizações

Com o choque entre o modelo de desenvolvimento econômico vigente – que valoriza o aumento de riqueza em detrimento da conservação dos recursos naturais – e a necessidade vital de conservação do meio ambiente, surge a discussão sobre como promover o desenvolvimento das nações de forma que gere o crescimento econômico, mas explorando os recursos naturais de forma racional e não predatória. (COMISSÃO BRUNDTLAND, 1991).

A consciência de que é necessário tratar com racionalidade os recursos naturais, uma vez que estes podem se esgotar, mobiliza a sociedade no sentido de se organizar para que o desenvolvimento econômico não seja predatório e sim, sustentável. Diante disso, as organizações começam a pautar-se estrategicamente por princípios que incorporem tal consciência e, para tanto, promovem um novo modelo de gestão que pode ser chamado de sustentável. A figura 01 ilustra o modelo de sustentabilidade da COPESUL e permite visualizar o tripé ambiental, financeiro e social que sustenta a estratégia daquela organização.



Figura 01: Tripé da sustentabilidade empresarial na Copesul

Fonte: www.Copesul.Com.Br/Site/Ambiente/Meio/Index.Htm

A sustentabilidade organizacional é um conceito sistêmico, relacionado à continuidade dos aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais da sociedade humana. O coração da sustentabilidade apóia-se nos seguintes pilares: 1) desenvolvimento social; 2) desenvolvimento ambiental; 3) viabilidade das organizações (VASSALO, 2004).

No conceito de sustentabilidade organizacional ocorre um processo de transformação em que a exploração dos recursos, o destino dos investimentos, os rumos do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional consideram as necessidades das futuras gerações (BUFFARA e PEREIRA, 2003).

Sachs (1992) conceitua sustentabilidade a partir das seguintes dimensões:

a) Sustentabilidade social: baseado nos princípios de uma justa distribuição de renda e bens, direitos iguais à dignidade humana e solidariedade social;

b) Sustentabilidade cultural: deve-se basear no respeito ao local, regional e nacional em contraponto à padronização imposta pela globalização. Podendo se dar a partir do respeito aos diferentes modos de vida;

c) Sustentabilidade ecológica: baseado no princípio da solidariedade com o planeta e seus recursos e com a biosfera do seu entorno;

d) Sustentabilidade ambiental: baseado no respeito e no realce da capacidade de autodeprecação dos ecossistemas naturais;

e) Sustentabilidade territorial: baseado na superação das disparidades inter-regionais, a busca de estratégias para o desenvolvimento ambiental seguro nas áreas urbanas em detrimento do rural e a melhoria do ambiente urbano;

f) Sustentabilidade econômica: deve estar ancorada na avaliação da sustentabilidade do social analisada no seu contexto organizativo da vida material;

g) Sustentabilidade política (nacional): baseado na democracia definida em termos de apropriação universal dos direitos humanos, desenvolvimento da capacidade do Estado para implementar o projeto nacional, em parceria com todos os empreendedores. Nível razoável de coesão social;

h) Sustentabilidade política (internacional): baseado na eficácia do sistema de prevenção de guerras da ONU, na garantia da paz e na promoção da cooperação internacional, um pacote de Norte-Sul de co-desenvolvimento, baseado no princípio de igualdade (regras do jogo e compartilhamento da responsabilidade de favorecimento do parceiro mais fraco). Controle institucional efetivo do sistema internacional financeiro e de negócios, controle institucional efetivo de aplicação do

Princípio da Precaução na gestão do meio ambiente e dos recursos naturais; prevenção das mudanças globais negativas; proteção da diversidade biológica (e cultural); e gestão do patrimônio global, como herança comum da humanidade.

Por se tratar de um processo de mudança de paradigma, pode-se dizer que a educação ambiental é parte vital e indispensável para se disseminar os pressupostos da visão sustentável, inclusive nas organizações.

Portanto, um sistema de gestão devidamente apoiado na sustentabilidade deverá fazer parte de um esforço integrado e contínuo de qualquer organização engajada na busca de sua excelência ambiental. Ao mesmo tempo em que precisa incorporar uma sólida base educacional das pessoas cuja meta é o desenvolvimento da competência ambiental de cada um, assim como, a competência ambiental da organização.

2.3 A Gestão de Pessoas Promovendo o Conceito de Sustentabilidade nas Organizações

Na conjuntura atual, as organizações atuam em ambientes instáveis que são constituídos de agentes e forças que estão fora do controle das organizações. Essas incertezas e as constantes mudanças criam um contexto múltiplo de variáveis que mudam de forma rápida e muitas vezes imprevisível.

A organização se vê constantemente ameaçada por essas forças adversas, que constituem obstáculos à concretização de seus objetivos de desempenho. São outros interesses que conflitam com os interesses da organização. Para atenuar ou minimizar o efeito dessas forças, a organização precisa aprender a dominá-las ou conviver estrategicamente com as dificuldades.

Neste contexto, as organizações precisam estar preparadas para crescerem num mercado extremamente competitivo e, para isto, buscam melhorias em todas as frentes: custos, qualidade, produtividade, estratégias de marketing, sistemas informatizados, entre outros.

Chiavenato (1999), diz que os Recursos Humanos de uma organização são os únicos recursos vivos e dinâmicos da organização; aliás, a saída para manipular os demais, que são inertes e estáticos entre si. Além disso, constituem um tipo de expediente dotado de uma vocação dirigida ao crescimento e ao desenvolvimento.

O gerenciamento das pessoas em uma organização não é mais sinônimo de controle, padronização. Gerir pessoas significa estimular o envolvimento e o desenvolvimento das mesmas. É fundamental que a instituição valorize e motive constantemente os seus servidores e discentes, pois é com pessoas competentes e satisfeitas que esta alcançará seus objetivos (PORTER, 1991). Para esse mesmo autor, a organização competitiva precisa, mais do que nunca, compreender o elemento humano e desenvolver a educação corporativa, o que trará implicações mais concretas para a organização. Ao definirem suas estratégias, as organizações precisam identificar as competências essenciais e, a partir destas, rever suas atuações, gerando um círculo virtuoso, impulsionado pelo processo de aprendizagem.

Várias ferramentas foram desenvolvidas para aprimorar o relacionamento dos indivíduos com as organizações. Recentemente, discute-se a aplicabilidade de sistemas que procuram promover o desenvolvimento de competências em prol das novas demandas organizacionais. Para Fleury (1999) competência se relaciona a um saber agir responsável e reconhecido, que implica em mobilizar, integrar, transferir conhecimentos, recursos, habilidades que agreguem valor econômico à organização e valor social ao indivíduo e podem ser:

- Técnicas/Profissionais: específicas para uma operação, ocupação ou tarefa (desenho Técnico, operação de um equipamento, finanças);
- Sociais: saber ser, incluindo atitudes e comportamentos necessários para o relacionamento entre pessoas (comunicação, negociação e trabalho em equipe);
- Negócio: compreensão do negócio, seus objetivos, relações com o mercado, ambiente sociopolítico (conhecimento em negócio, planejamento, orientação para o cliente).

Chiavenato (1999) diz que as pessoas podem ser visualizadas como parceiros da organização, a partir do momento que elas fornecem conhecimentos, habilidades, capacidades e, principalmente, a inteligência, que proporciona decisões racionais e imprime o significado e o caminho aos objetivos da organização, e que, desta forma, as pessoas constituem o capital intelectual das organizações.

Assim, aceitar uma nova visão pode ser uma tarefa emocional e intelectual complexa, de modo que o desenvolvimento de novas competências passa a ser essencial. A aceitação do conhecimento significa uma predisposição à mudança de

mentalidade e implica em transformações, de caráter social, cultural e tecnológico. em momentos de alta instabilidade em que se vive no mercado mundial.

Inserir-se neste contexto o desenvolvimento das novas competências demandadas pelo modelo de gestão sustentável em uma organização, o qual precisa também incorporar os preceitos da educação ambiental seguindo os pressupostos do modelo de gestão sustentável da organização.

Dias (2001) afirma que a educação ambiental está alicerçada, dentre outros, nos seguintes objetivos, princípios, estratégias e recomendações:

- Ser atividade contínua, acompanhando o cidadão em todas as fases de sua vida;
- Ter caráter interdisciplinar, integrando o conhecimento de diferentes áreas;
- Ter um perfil pluridimensional, associando os aspectos econômicos, político, cultural, social, ecológico da questão ambiental;
- Ser voltado para a participação social e para a solução dos problemas ambientais;
- Visar a mudança de valores, atitudes e comportamentos sociais (DIAS, 2001).

Ficou evidenciado que os problemas ecológicos e ambientais têm caráter universal, atingindo a todos independentes de sua classe social. Esses problemas são complexos e envolvem várias áreas do conhecimento, tais como: das ciências exatas, humanas e biológicas, sendo impossível responderem por elas apenas com profissionais de uma única especialidade.

A educação ambiental preocupa-se, como evidenciado anteriormente, tanto com a promoção da conscientização e transmissão de informações, como com o desenvolvimento de hábitos e habilidades, promoção de valores, estabelecimento de critérios e padrões e orientações para a resolução de problemas e tomada de decisões. Portanto, objetivar modificações comportamentais nos campos cognitivo e afetivo (PEDRINI, 1998).

É justamente neste ponto que a gestão de pessoas e o desenvolvimento de novas competências, discutidos anteriormente, tem seu entrelaçamento com os pressupostos da educação ambiental, pois o novo desafio imposto à humanidade e, por consequência às organizações, demanda o desenvolvimento da competência ambiental. Isso passa, necessariamente, pelo desenvolvimento de programas

educacionais nas organizações que tenham seus pressupostos alicerçados nesta temática.

Pode-se dizer, portanto, que a necessidade de incorporar os conceitos e as demandas da educação ambiental e uma nova consciência ambiental por parte das organizações fez surgir gradativamente um novo modelo de gestão de pessoas que, além das preocupações tradicionais desta área, incorpora preceitos da sustentabilidade organizacional e da responsabilidade social. Demandando, conforme enfatiza Tachizawa (2005), novas necessidades em termos de: higiene e segurança no trabalho, treinamento e desenvolvimento de pessoal, planejamento de carreira, estratégia de cargos e salários e clima organizacional.

A responsabilidade organizacional, portanto, não se limita somente a ganhos econômicos, mas ao desenvolvimento de um sólido compromisso com as questões sociais e ecológicas do ambiente que as abriga. Para tanto, precisa pautar suas estratégias e o desenvolvimento de competências no paradigma sustentável e não mais no paradigma cartesiano, que foi dominante até então.

3 METODOLOGIA

Este artigo foi construído a partir de uma pesquisa de caráter exploratório baseada em dados primários.

O instrumento de coleta de dados foi um questionário estruturado cujas questões referiam-se às dimensões ambiental, social e econômica ancoradas no conceito de sustentabilidade. A resposta aos questionamentos foram feitas em uma escala no tipo Likert, onde 1 (Discorda totalmente) e 5 (Concorda totalmente).

Os questionários foram distribuídos entre os participantes da pesquisa e, após um prazo para preenchimento, recolhidos pelo próprio pesquisador.

Os sujeitos da pesquisa foram os professores e os funcionários técnico-administrativos do Departamento e Curso de Psicologia respectivamente; e os acadêmicos do Curso de Graduação de Psicologia, do Centro de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Federal de Santa Maria. Participaram os acadêmicos ingressantes e os concluintes do curso. Os participantes totalizaram 56 pessoas e no quadro 02 é possível visualizar o número de integrantes de cada grupo investigado.

GRUPO ENTREVISTADO	NÚMERO DE PARTICIPANTES
Professores	08
Funcionários técnico-administrativos	04
Acadêmicos ingressantes	19
Acadêmicos concluintes	25
Total de entrevistados	56

Quadro 02: Participantes da pesquisa

Os dados foram apresentados por meio de tabelas e a análise foi quantitativa, com base na média e no desvio padrão.

4 RESULTADOS DA PESQUISA

Nesta seção estão apresentados os resultados da pesquisa. Os respondentes apresentam as seguintes características. Dos 04 (quatro) funcionários, 03 (três) são do sexo feminino, 02 (dois) possuem pós-graduação e 01 (um) possui graduação. Dos 08 (oito) professores, 06 (seis) são do sexo feminino e 03 (três) do sexo masculino, sendo que 07 (sete) possuem curso de doutorado e 01 (um) curso de mestrado. Dos alunos ingressantes (19 respondentes), 79% são do sexo feminino e todos possuem curso superior incompleto. Dos alunos concluintes (25 respondentes), 76% são do sexo feminino e todos possuem curso superior incompleto.

A tabela 01 apresenta os resultados da pesquisa, destacando a média e o desvio padrão para as dimensões ambiental, social e econômica. A média das médias dos fatores indicou que o fator ambiental apresentou média 3,24, o fator social 3,47 e o fator econômico 3,35, sendo possível verificar que a dimensão social obteve a maior média e a dimensão ambiental a menor média, o que pode indicar que os entrevistados demonstraram menor preocupação com as variáveis ligadas ao fator ambiental.

Tabela 01 - Média e desvio padrão para as dimensões e variáveis de pesquisa

Variável	Md	Dp	
FATOR AMBIENTAL			
01	Pratico a reciclagem de lixo na minha rotina diária, tanto no trabalho quanto em casa.	2,79	1,41
02	Utilizo corretamente os recursos naturais do meio ambiente sem degradá-los.	3,50	1,10
03	Tenho consciência de que muitos dos recursos naturais, dos quais dispomos em abundância hoje, são finitos e se não preservarmos não estarão disponíveis às próximas gerações.	4,73	0,67
04	Conheço as leis que protegem o meio ambiente e as sigo.	3,34	1,12
05	A Instituição em que trabalho/estudo tem uma política sócio-ambiental institucionalizada.	2,38	0,82
06	O tema "Gestão Sócio-Ambiental é tratado na Instituição em que eu trabalho/estudo.	2,04	0,87
07	Procuro descartar as baterias e pilhas em local apropriado ou devolvê-las ao fornecedor	3,02	1,42
08	Tenho consciência dos problemas ambientais (como geração do lixo, poluição, escassez de água potável) e procuro praticar ações cotidianas que minimizem esses problemas.	4,16	0,89
FATOR SOCIAL			
09	Cada cidadão deve fazer a sua parte, por meio de pequenas ações, mas que somadas representam uma grande parcela para sociedade como um todo na preservação do meio ambiente.	4,68	0,77
10	É importante que a UFSM coloque-se à frente de projetos que despertem a consciência ambiental da sociedade. Em outras palavras: A UFSM deve investir em projetos que despertem a consciência ambiental da comunidade.	4,80	0,44
11	Tomo conhecimento, através dos veículos de comunicação das diferentes formas de colocar em prática o desenvolvimento sustentável.	3,80	1,10
12	Já recebi educação para a responsabilidade sócio-ambiental na Instituição onde trabalho/estudo.	2,00	0,95
13	Inclusão da disciplina de Educação Ambiental, nos diferentes cursos de graduação da UFSM.	3,59	1,16
14	Acredito que é importante para a comunidade que as empresas tenham Gestão Ambiental.	4,50	0,83
15	A Instituição onde trabalho/estudo dispõe de pessoal especializado em questões sócio-ambientais e as decisões são tomadas por meio de comitê responsável.	2,48	0,95
16	Meus familiares e eu consumimos somente produtos fabricados por empresas que demonstram preocupação com o meio ambiente e a sociedade.	2,52	0,99
17	Alimentos esteticamente bonitos me levam a crer que são saudáveis e livres de tóxicos.	1,80	0,92
18	Um dos critérios que observo quando compro produtos de determinada marca refere-se ao impacto ambiental da empresa produtora.	2,68	1,01
19	Acho que deveria ter leis mais severas para quem desrespeita o meio-ambiente.	4,50	0,57
20	Acredito que ONGS e Campanhas sócio-ambientais tem um papel importante na sociedade.	4,43	0,85
21	Temos consciência de como podemos intervir, em favor da natureza, no plano político-legal.	3,38	1,04
FATOR ECONÔMICO			
22	Evito o desperdício dos materiais de expediente.	4,02	0,88
23	Adequar-se às exigências ambientais dos mercados, governo e sociedade, traz benefícios financeiros e vantagens competitivas para as organizações.	3,93	0,87
24	Os copos utilizados no meu ambiente de trabalho/estudo são descartáveis, porém cada funcionário mantém o mesmo copo durante todo o dia.	2,59	1,11
25	O fato de um produto ter sido fabricado com tecnologias que evitam/reduzem o impacto ambiental usual da produção incentiva a sua compra.	3,45	0,99
26	Eu procuro consumir somente produtos ambientalmente corretos.	3,07	1,01
27	A Instituição em que eu trabalho/estudo reaproveita as folhas de papel ou utiliza papel reciclado para fins de impressão.	2,59	0,78
28	Utilizo adequadamente e de forma econômica a energia elétrica.	3,84	0,83

Com relação à dimensão ambiental, a questão n° 3 foi a que obteve a maior média (4,73): “Tenho consciência de que muitos dos recursos naturais, dos quais dispomos em abundância hoje, são finitos e se não preservarmos não estarão disponíveis às próximas gerações”. Em segundo lugar, com média 4,16, ficou a questão n° 8: “Tenho consciência dos problemas ambientais (como geração do lixo, poluição, escassez de água potável) e procuro praticar ações cotidianas que minimizem esses problemas”. A questão n° 6 obteve a menor média (2,04): “O tema Gestão Sócio-Ambiental é tratado na Instituição em que eu trabalho/estudo”. A partir do exposto, pode-se perceber que os participantes da pesquisa demonstram ter uma certa consciência em relação à preservação dos recursos ambientais; entretanto, carecem de práticas ou políticas institucionais que promovam a discussão e a alternativas quanto aos cuidados ambientais.

Com relação à dimensão social, a questão que obteve a maior média (4,80) foi a n° 10: “É importante que a UFSM coloque-se à frente de projetos que despertem a consciência ambiental da sociedade. Em outras palavras: a UFSM deve investir em projetos que despertem a consciência ambiental da comunidade”. A seguir, com média 4,68, está a questão n° 09 “Cada cidadão deve fazer a sua parte, por meio de pequenas ações, que somadas representam uma grande parcela para sociedade como um todo na preservação do meio ambiente”. Em terceiro lugar, com média 4,50, as questões 14 e 19 se destacaram. A primeira refere-se a: “Acredito que é importante para a comunidade que as empresas tenham Gestão Ambiental”. A segunda diz respeito à: “Acho que deveria ter leis mais severas para quem desrespeita o meio ambiente”. A questão que obteve a menor média (1,80) foi a n° 17: “Alimentos esteticamente bonitos me levam a crer que são saudáveis e livres de tóxicos” e a segunda questão de menor média (2,00) foi a n° 12: “Já recebi educação para a responsabilidade sócio-ambiental na Instituição onde trabalho/estudo”. Os resultados citados apontam que os participantes consideram que vários segmentos sociais devem se unir para potencializar forças e, assim, alcançar patamares de mudanças tanto em hábitos e posturas quanto na conscientização da integridade ecológica do planeta. Além disso, novamente reforçam a necessidade, destacada pelos participantes da pesquisa, de que a Instituição tenha um papel mais ativo no processo de conscientização das pessoas que dela fazem parte.

Isto também pode ser visualizado na concepção de Almeida (2002) o qual acredita que a idéia é de interação e de integração, propondo uma nova maneira de olhar e transformar o mundo, baseada no diálogo entre saberes e conhecimentos diversos. Pedrini (1998) complementa essa visão ao afirmar que a educação ambiental deveria preocupar-se tanto com a promoção da conscientização e transmissão de informações, como com o desenvolvimento de hábitos e habilidades, promoção de valores, estabelecimento de critérios e padrões e orientações para a resolução de problemas e tomada de decisões. Portanto, objetivar modificações comportamentais nos campos cognitivo e afetivo.

Com relação à dimensão econômica, destacou-se com a maior média (4,02) a questão nº 22: “Evito o desperdício dos materiais de expediente” e, em segundo lugar, com média (3,93) está a questão nº 23: “Adequar-se às exigências ambientais dos mercados, governo e sociedade, traz benefícios financeiros e vantagens competitivas para as organizações”. Duas questões ficaram com a menor média (2,59), a questão 24: “Os copos utilizados no meu ambiente de trabalho/estudo são descartáveis, porém cada funcionário mantém o mesmo copo durante todo o dia” e a questão 27: “A Instituição em que eu trabalho/estudo reaproveita as folhas de papel ou utiliza papel reciclado para fins de impressão”. As maiores médias indicam que as pessoas têm conhecimento ou sabem que é necessário evitar desperdícios, porém as menores médias demonstram que esta não é uma prática cotidiana.

Os participantes da pesquisa não praticam a questão ambiental com a mesma intensidade com que se dizem conscientizados a respeito dela.

De certa maneira, esta postura reforça a necessidade de maior empenho institucional, ao mesmo tempo em que apresenta uma certa contradição com a nota atribuída pelos participantes à questão nº 8, quando admitem ter consciência e também praticar ações ambientais.

Neste estudo verifica-se que o menor desvio padrão foi 0,44 que coincide com a questão 10 “É importante que a UFSM coloque-se à frente de projetos que despertem a consciência ambiental da sociedade. Em outras palavras: A UFSM deve investir em projetos que despertem a consciência ambiental da comunidade” (dimensão social). Isto evidencia que os entrevistados possuem uma opinião relativamente homogênea em relação ao assunto tratado nesta questão.

E o maior desvio (1,42) coincide com a questão 7 “Procuro descartar as baterias e pilhas em local apropriado ou devolvê-lo ao fornecedor”(dimensão

ambiental)”. O maior desvio está atrelado a uma variável que trata de ação de natureza ambiental. Neste caso específico, fica claro que existe uma certa discrepância de opinião dos participantes quanto ao seu conteúdo.

De posse desses dois resultados (menor e maior desvio) pode-se considerar que os participantes da pesquisa desejam uma postura da Instituição em relação a gestão ambiental, ao mesmo tempo em que revela uma certa discrepância nos resultados relativos às variáveis que se relacionam a atitudes dos mesmos quando se trata de ações cotidianas que envolvem as questões ambientais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Quem planeja a curto prazo deve plantar cereais,
A médio prazo, plantar árvores,
A longo prazo, deve educar pessoas.*
(KWANTZU, China, A. C in Medina e Santos, 1999).

Ao longo das últimas décadas, as agressões sobre o ambiente global tornaram-se auto-evidentes. Foi na ECO-92, através da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento que as nações evidenciaram assumir um compromisso coletivo e solidário em prol do desenvolvimento sustentável. Desde então, a conscientização sobre os problemas ambientais mundial reforça-se progressivamente.

Ao concluir este trabalho pôde-se perceber que os entrevistados estão preocupados com a questão ambiental, e apresentam um certo nível de conscientização sobre este assunto. Entretanto, fica evidente que ainda carecem de ações e orientação, por parte da Instituição.

Dessa forma a Instituição poderia contemplar a dimensão ambiental em sua estratégia de ação e desenvolver projetos que despertem a consciência ambiental da comunidade, de modo que cada membro da mesma tenha em mente a importância da preservação dos recursos naturais.

A gestão de pessoas poderia ser estrategicamente utilizada para o desenvolvimento da competência ambiental dos integrantes da Instituição. Uma forma adequada de promover tal desenvolvimento seria inserir a educação ambiental, como parte do escopo de conhecimentos, habilidades e atitudes a serem desenvolvidos em seus programas de treinamentos e desenvolvimento de pessoas.

A dimensão ambiental da sustentabilidade poderia ser inserida, como um tema transversa, nas ações de natureza educacional, informativa, gerencial, entre outros, promovidas pela Instituição, as quais poderiam ser ampliadas para incluir, até mesmo, a sociedade de seu entorno. Exemplo disso são ações como: cursos, treinamentos, oficinas, exposições, eventos, palestras, dias de campo e reuniões amparadas por materiais informativos e educativos, que buscam capacitar e sensibilizar os públicos internos e externos da comunidade universitária com enfoque na auto-responsabilidade de cada um em relação à proteção do meio ambiente.

O futuro das novas gerações depende, dentre outras questões, também de que o ensino superior assuma sua parcela de responsabilidade, no que diz respeito à conscientização e à preparação dos estudantes para um futuro sustentável. Diante disso, a educação ambiental poderia inclusive ser inserida na seqüência aconselhada de todos os Cursos da UFSM, pois a mesma é parte vital e indispensável para se chegar ao desenvolvimento sustentável. É através dela que se consegue motivar as pessoas e comprometê-las com o uso adequado dos recursos naturais.

O estudo revela que é necessário zelar pelo ambiente que nos cerca, pois dele são oriundos o nosso alimento, a água que se bebe, o conforto que se desfruta e, principalmente, o ar que se respira. Não é só a guerra ou o crime que ameaçam a vida, mas também a forma como se gera, se distribui e se usa a riqueza, além da forma como se trata a natureza. E esta responsabilidade perpassa todos os segmentos da sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, F. **O bom negócio da sustentabilidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- BRITO, M. I. M. S. **Das lendas à história**: a busca da identidade de um povo. Brasília, Dissertação – Mestrado em Desenvolvimento Sustentável. UnB, 2002.
- BUFFARA, L. C. B; PEREIRA, M.F. Desenvolvimento Sustentável e Responsabilidade Social: um estudo de caso no grupo O Boticário. **Revista de Ciências da administração**. V.5, nº9, janeiro-julho 2003, UFSC Florianópolis.

CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas**: ciência para uma vida sustentável. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix Ltda, 2002.

_____. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Tradução: Newton Roberval Gichemberg. São Paulo: Cultrix, 1997.

CHIAVENATO, I. **Gestão de pessoas**: o novo papel dos recursos humanos nas organizações. São Paulo: Editora Campus, 1999.

COMISSÃO BRUNDTLAND. Comissão Mundial Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. **Nosso futuro comum**. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991.

DIAS, G. F. **Educação ambiental**: princípios e práticas. 7.ed. São Paulo: GAIA. 2001.

ESCOLA VIVA. **Enciclopédia do programa de pesquisa e apoio escolar**: o tesouro do estudante. São Paulo: Meca, 1998.

FLEURY, M. T. L. **Modelo de gestão por competência**. Curso Aberto em Gestão por competências, Anais. São Paulo: PROGEP FIA/FEA-USP, 1999.

LERÍPIO, Alexandre de Ávila. **Gaia**: um método de gerenciamento de aspectos e impactos ambientais. Florianópolis, 2001. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina.

MOURA, Luis Antônio Abdalla de. **Qualidade e gestão ambiental**. 3.ed. São Paulo: Editora Juarez de Oliveira, 2002.

PEDRINI, Alexandre de Gusmão (Org.) **Educação ambiental**: reflexões e práticas contemporâneas. Petrópolis: Vozes, 1998.

PORTER, M. E. **Estratégia competitiva**: técnica para análise de indústrias e da concorrência. Tradução de Elizabeth Maria de Pinto Braga. 5.ed. Rio de Janeiro, Campus, 1991.

SACHS, Ignacy. Qual desenvolvimento para o século XXI? In: BARRÈRE, Martine (coord.). ABREU, Estela dos Santos (trad.). **Terra, Patrimônio Comum**: a ciência a serviço do meio ambiente e do desenvolvimento. São Paulo: Nobel, 1992.

SENGE, Peter M.. **A quinta disciplina**: arte teoria e prática da organização de aprendizagem. Tradução de Regina Amarante. 12.ed., São Paulo: Editora Best Seller, 1996, 352p.

TACHIZAWA, T. **Gestão ambiental e responsabilidade social corporativa**: estratégias de negócios focadas na realidade brasileira. São Paulo: Atlas, 2005.

VASSALO, C. Um novo modelo de negócios. **Revista Guia de Boa Cidadania Corporativa**. Nº 728, 2004, São Paulo.

